

A Caminho do Oriente: apontamentos de Pessoa sobre Teosofia e espiritualidades da Índia

Pedro Teixeira da Mota*

Palavras-chave

Fernando Pessoa, Oriente, Espiritualidades da Índia, Krishna, Teosofia (Sociedade Teosófica).

Resumo

Publicam-se aqui dois breves escritos de Pessoa que referem elementos das espiritualidades da Índia. Ao apresentá-los, pretende-se: por um lado, equacionar algumas das referências de Fernando Pessoa ao Oriente, em especial à Índia, bem como à chamada Teosofia (Sociedade Teosófica); por outro, fornecer elementos úteis para o estudo das fontes bem como para o enquadramento hermenêutico dos próprios documentos, no contexto de uma reflexão sobre a espiritualidade na obra e na vida do autor.

Keywords

Fernando Pessoa, East, Indian spiritualities, Krishna, Theosophy (Theosophical Society).

Abstract

Two short writings of Fernando Pessoa are published here, concerning elements of Indian spirituality. By presenting these documents, our intention is: on one hand, to study some of Pessoa's references to the East, especially to India; and, on the other hand, to contribute to the study of the bibliographic sources and the hermeneutic framework of the documents, in the context of a reflection on the spirituality in the works and life of the author.

* Investigador independente, editor de Fernando Pessoa.

O conhecimento e a ligação de Fernando Pessoa ao Oriente realizou-se ao longo da vida do escritor e de diversos modos. Sucintamente apontaremos alguns dos elos ou momentos que consideramos mais significativos, enquanto base contextual para a apresentação de dois textos pessoanos, que comentaremos em seguida. As “fronteiras” do Oriente aqui adotadas vão do Oriente Próximo até ao Extremo Oriente, mas este texto concentrar-se-á mais na Índia que, pela sua riqueza espiritual e pela divulgação que teve na Europa entre finais do século XIX e inícios do século XX, indubitavelmente impressionou ou interessou Fernando Pessoa.

Segundo pensamos, a ida de Pessoa aos sete anos para a África do Sul, a sua vinda a Lisboa pelo Oceano Índico e o canal de Suez, em 1901, e ainda o seu definitivo regresso à capital portuguesa em 1905, de novo por barco, foram já de alguma forma aproximações ao Oriente. Aliás, estas viagens reenviam-nos para as dos antigos navegadores portugueses dos séculos XV e XVI, por ele cantados em 1934 na *Mensagem*. Não nos surpreenderia que uma qualquer curiosidade ou abertura ao Oriente tenha afluído ou intensificado durante essas viagens, na alma do jovem Pessoa. Este, já a partir da adolescência em Durban, dá a entender que as suas leituras o introduziam na vasta floresta oriental: anotem-se a este respeito alguns dos seus poemas tão precoces (pelo menos desde 1904) “The Circle” e “Nirvâna” (BNP/3, 78-45^r, 78-27^r e 28^r; PESSOA, 1997: 93, 131-132). Estes poemas reflectiam já uma igualmente precoce sensibilidade às temáticas da espiritualidade e do Oriente, que se tornarão importantes na sua vida, sobretudo a primeira.

Note-se que, enquanto esteve na África do Sul durante a sua infância e adolescência, o jovem estabeleceu uma boa relação com Willfrid H. Nicholas, prefeito da Durban High School onde Pessoa estudou de 1899 a 1904, tendo recebido dele, por exemplo, o livro *The Nile Quest*, de Harry Johnston (1903; CFP², 9-38), como parte do Queen Memorial Prize, pelo qual o aplicado aluno Pessoa era então galardoado, em 1903. Nicholas foi de certo modo uma figura magistral para a grande sede bibliográfica do jovem escritor, estimulando os estudos de Pessoa e abrindo-o ou guiando-o nos grandes autores clássicos e ingleses.

Regressado a Portugal em 1905, Pessoa consultou com frequência a Biblioteca Nacional, onde alguns livros de sabedoria e ligação ao Oriente foram possivelmente lidos por ele e contribuíram para alguns dos seus projectos não completamente concretizados. Entre estes, por volta de 1910, o de editar uma antologia de poesia indiana, persa, chinesa, japonesa, árabe e hebraica (BNP/E3, 48-55^r; PIZARRO *et al*,

¹ BNP/E3, 114^l-18^v (PESSOA, 2013: 248). A sigla BNP/E3 indica o espólio de Fernando Pessoa (Espólio 3) guardado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP).

² A sigla CFP indica a Biblioteca particular de Fernando Pessoa, guardada na Casa Fernando Pessoa (CFP).

2011: 151). Estas leituras e intenções terão contribuído para o desenvolvimento daquele fundo intelectual riquíssimo que lhe permitiu manifestar, ao longo dos anos, um sentido não só crítico como também criativo e heteronímico muito agudo.

Das fontes do seu conhecimento das espiritualidades do Oriente que foram publicadas antes ou em concomitância da estreia pública de Pessoa (1912), realçaremos duas obras que nos parecem marcantes. Uma destas é *Quest Old and New* de George R. S. Mead (1913; CFP, 1-105), que o escritor português conservou sempre na sua estante e que, estando bem anotado, contém um resumo bastante erudito e abrangente das principais doutrinas filosóficas e espirituais dos povos orientais e em especial do Budismo, do Taoísmo e de vertentes do Gnosticismo, com ênfase na mística e na reencarnação. Acrescente-se que Mead fora membro da Sociedade Teosófica, secretário mesmo, nos três anos finais, de Helena Blavatsky (elogiando-a depois contra os detractores) mas entrara em desacordo com os sucessores dela, Annie Besant e de Charles W. Leadbeater, saindo do movimento em 1909 e dedicando-se então aos estudos sobre Gnose.³ Tornou-se assim uma referência para estudiosos e autores como Yeats, Pound, Jung e outros (cf. GOODRICK-CLARKE, 2005).

Em segundo lugar, considere-se o volume *The Rosicrucians: their rites and mysteries*, de Hargrave Jennings (CFP, 0-12; lido na edição de 1907, embora a primeira seja de 1877), com capítulos sobre múltiplos aspectos das religiões, de grupos iniciáticos e de cultos remotos praticados outrora na Pérsia, na Índia e no Egito. Anote-se que Jennings tinha entrado em 1870 na *Societas Rosicruciana in Anglia*, donde em parte surgirá a Golden Dawn (cf. OWEN, 2004), outra ordem mágica por Pessoa também conhecida e referida (cf. BNP/E3, 53-74). Esta obra, que terá sido muito lida e relida por Fernando Pessoa, foi por este mencionada na famosa carta a Mário de Sá Carneiro, de 6 de Dezembro de 1915, como tendo-o perturbado tanto como sentira com as obras teosóficas que começava nesse momento a traduzir. Oiçamo-lo:

A primeira parte da crise intelectual, já v. sabe o que é; a que apareceu agora deriva da circunstância de eu ter tomado conhecimento com as doutrinas teosóficas. O modo como as conheci foi, como v. sabe, banalíssimo. Tive de traduzir livros teosóficos. Eu nada, absolutamente nada, conhecia do assunto. Agora, como é natural, conheço a essência do sistema. Abalou -me a um ponto que eu julgaria hoje impossível, tratando -se de qualquer sistema religioso. O carácter extraordinariamente vasto desta religião-filosofia; a noção de força, de domínio, de conhecimento *superior* e extra-humano que ressumam as obras teosóficas, perturbaram-me muito. Cousa idêntica me acontecera há muito tempo com a leitura de um livro inglês sobre *Os Ritos e os Mistérios dos Rosa-Cruz. A possibilidade de que ali, na Teosofia, esteja a verdade real me hante.*

(Pessoa in SÁ-CARNEIRO, 2015: 503-504)

Das outras ou posteriores leituras orientais ou com referências ao Oriente, mencionamos Kalidasa, Omar Khayyam, Rabindranath Tagore, Gerárd de Nerval,

³ Publicou desde finais do século XIX os oráculos caldaicos, *Orpheus*, Hermes Trismegisto, a *Pisthis Sophia*, Apolónio de Tiana, Marcion, rituais mitraicos, etc.

Walt Whitman, Ralph W. Emerson, Franz Hartman, Alan Leo e Victor Henry, este com o substancial *Les Littératures de L' Inde* publicado em 1904 (CFP, 8-293; 8-296; 8-662 MN; 8-536 e 537; 8-385; 8-580 e 664 MN; 8-172; 1-67; 1-61 e 1-90-97; 8-250).⁴

E se o fundo greco-romano foi quase sempre considerado por Pessoa (sobretudo na sua fase neopagã e mais vincadamente anti-cristista) como o substrato da civilização europeia e futura do Quinto Império (PESSOA, 2011), as raízes orientais e islâmicas da civilização europeia foram contudo assinaladas e valorizadas em alguns textos. Por exemplo, e como refere e mostra Fabrizio Boscaglia (2016; 2015: 230, 212, 153), quando Pessoa anota a possibilidade de um “Imperio Oriental” (BNP/E3, 48G-23^r; BOSCAGLIA, 2015: 360) enquanto primeiro estágio da sucessão dos Impérios cujo último seria o Quinto; e, no que respeita à “nossa grande tradição arabe” do al-Andalus, quando afirma que “a alma arabe é o fundo da alma portuguesa” (BNP/E3, 97-13^r e 48H-23^r; PESSOA, 2012: 71 e 2009: 229).

Haverá ainda que destacar a significativa abertura do escritor desde novo à poesia e sensibilidade da Pérsia, nomeadamente às *Rubáiyát of Omar Khayyám* na versão inglesa Edward FitzGerald (na edição de 1910; CFP, 8-296), quer traduzindo-as para português, quer escrevendo quadras inspirados nelas (PESSOA, 2008: 13-53), e referindo em apontamentos e notas bibliográficas autores persas e poetas sufis tais como Hāfiz e Sa‘dī (93-69^a, 93-69^r, 14⁴-27^v; PIZARRO *et al.*, 2011; *cf.* BOSCAGLIA, 2015: 287-308).

Além e aquém do Oriente

Tal como já referimos, é também pelo contacto com a Teosofia (Sociedade Teosófica), movimento criado por Helena P. Blavatsky por volta de 1875 para estudar e divulgar a sabedoria antiga da Índia e do Oriente bem como o ensinamento de outras escolas e mestres espirituais, que Fernando Pessoa entrará em meados da década de 1910 numa fase de conhecimento mais aprofundado do chamado esoterismo indo-budista (*cf.* LOPO, 2013), a qual culminará na rejeição ou pelo menos na crítica de várias das doutrinas teosóficas, consideradas como contrárias ao espírito da civilização cristã e ao fundamento greco-romano da civilização (BNP/E3, 53-58^r; *cf.* PESSOA, 1989: 50), ou ainda descritas como “atroz amalgama de superstições selvagens, de humanitarismo decadente e de gnosticismo atrapalhado” (BNP/E3, 21-19^r; *cf.* PESSOA, 1966: 253) (Fig. 1).⁵

⁴ No presente número da revista *Pessoa Plural*, é republicado um dossiê (PIZARRO *et al.*, 2011) bem como uma adenda ao mesmo (CARDIELLO, 2016), com documentos do espólio pessoano em que figuram alguns destes nomes.

⁵ A esta atitude crítica, ou a uma fase de aproximação a ela, estará relacionado um apontamento de natureza bibliográfica escrito por volta de 3 de Agosto de 1917: “Procure Indian book against Theosophy (v. Times L[iterary] S[upplement])”, incluído numa lista manuscrita de projectos de Pessoa (BNP/E3, 133M-98^r; PESSOA, 2009: 438).

historia não deixa duvidas a este respeito. A moderna reviviscencia dos systemas occultistas, notavel sobretudo pela importação, nos paizes de lingua ingleza, do chamado buddhismo esoterico, atroz amalgama de superstições de selvagens, de humanitarismo decadente e de gnosticismo strapalhado, trouxe outra vez á superficie o que pela Europa havia de restos da tradição occulta ~~da~~ da Gnose.

Fig. 1. BNP/E3, 21-19^r (pormenor)

A esta atitude crítica perante a Teosofia, segue uma consequente e crescente valorização, em Pessoa, da denominada Tradição Ocidental, à qual o autor ir-se-á cada vez mais consagrando (cf. PESSOA, 2013a: 655-656) pelo estudo dos textos das origens do Cristianismo, dos Gnósticos, dos Herméticos e das vias simbolistas, cabalistas, templárias, rosicrucianas e mágicas das altas ordens, fazendo assim ligação não tanto com a Índia mas antes com o Oriente Próximo, o Mediterrâneo e os movimentos que, brotando do ensinamento de Jesus ou dos neoplatónicos e mitraístas, acabaram por originar os filões da Rosacruz, do Templarismo, da Maçonaria e do Ocultismo. Fernando Pessoa estudará bastante estas vertentes, sendo um bom conhecedor delas e aliás referindo também a possibilidade de a ligação do Gnosticismo e do Templarismo ao Oriente ter sido até posterior (Fig. 2):

[...] A esta Ordem Mystica [aos Templarios] foram confiados os segredos e a tradição da Igreja Gnostica. Só a Noite sabe de que maneira foram transmittidos. Uns dizem que primitivamente ella os não tivera, mas os adquiriu apenas, por uma transmissão externa, quanto, indo às Cruzadas, tomou contacto com o Oriente; outros sabem que desde o inicio ella os tinha, pois que para os ter fôra fundada, nem ha mister de ir ao Oriente quanto o Oriente pode vir até nós. (quando o Oriente já viera até nós.)⁶

(PESSOA, 1988: 76; BNP/E3, 54A-18^r)

Por circumstancias que, ou são desconhecidas e por isso se não podem narrar, ou são conhecidas ^{mas} por sua natureza se não podem narrar tambem, veio a formar-se, com certos fins mysticos e secretos, a dentro do seio visivel da Igreja de Roma, uma ordem que foi designada de Ordem Militar do Templo de Salomão. Os seus servos, iniciados ou não, são os que designamos peaa abreviação de Templarios. A esta Ordem Mystica foram confiados os segredos e a tradição da Igreja Gnostica. Só a Noite sabe de que maneira foram transmittidos. Uns dizem que primitivamente ella os não tivera, mas os adquiriu apenas, por uma transmissão externa, quando, indo às Cruzadas, tomou contacto com o Oriente; outros sabem que desde o inicio ella os tinha, pois que para os ter fôra fundada, nem ha mister de ir ao ~~em~~ Oriente quando o Oriente pode vir até nós. (quando o Oriente já viera até nós.)

Fig. 2 BNP/E3, 54A-18^r (pormenor)

⁶ Sobre esta passagem, Boscaglia questiona-se e oferece uma sugestão fecunda: “considere-se a possibilidade de uma transmissão de conhecimentos esotéricos dos muçulmanos para o Cristianismo gnóstico-templário e/ou pelo rosacrucianismo [...]. Colocamos as seguintes questões: será este Oriente a civilização árabe-islâmica? Será o Islão? Será o al-Andalus enquanto ‘Oriente [que] já viera até nós?’” (2015: 252).

As leituras feitas da literatura teosófica, da qual Pessoa entre 1915 e 1916 traduziu para português seis obras⁷ pela editora Livraria Classica (que publicava então vários livros desse teor)⁸, e as demais que fez da literatura ocultista e espiritualista, levaram-no a conhecer portanto muitas doutrinas e práticas espirituais do Oriente. Ainda no âmbito do Ocultismo, anote-se também que Pessoa leu o último livro publicado de Alesteir Crowley, *The Confessions of Aleister Crowley* (1929; CFP, 8-131), em que a experiência de este ter passado alguns meses no Ceilão praticando Yoga se encontra referida (como já anteriormente na revista *Equinox*, vol. I, n.º 4, em 1910). Apesar disto, não foram ainda encontrados, ou referidos como tal, dados para se supor que, quando o ocultista inglês visitou Pessoa em Portugal em Setembro de 1930 (cf. PASI, 2012; PASI, FERRARI, 2012), os dois tenham conversado sobre este tema específico, mas não haverá dúvidas de que do Ocultismo e da Iniciação dialogaram certamente.

Também pelos fios do seu nacionalismo “mystico” (PESSOA, 2013a: 641) e mítico, observaremos que a ideia de um Oriente não apenas geo-civilizacional e tradicional-espiritual, mas também metafórico ou simbólico (cf. BRAGA, 2016), esteve presente na sua visão, quer como desafio de *nova* navegação ou demanda psíquica e espiritual portuguesa – que Eduardo Lourenço (2002: 240) chamou “aquela Índia que não vem no mapa”⁹ – quer como *topos* da desafiante poesia modernista (cf. BRAGA, 2014: 389-423), ou ainda como conjunto de propostas ou metodologias para se atingir espiritualmente a Luz mais elevada: *ex Oriens Lux* (cf. BNP/E3, 54A-63r; cf. PESSOA, 1989: 201).

Dos diversos anos de procura da verdade, oculta e espiritual, através de leituras e reflexões, alguns textos e fragmentos de Pessoa (como o segundo entre os que aqui publicamos) chegaram até nós com referências às formas da espiritualidade oriental, dos quais destacaremos os consagrados ao Hinduísmo e ao “buddhismo esoterico” (BNP/E3, 21-19r; cf. PESSOA, 1966: 253). Estas vertentes ou doutrinas tinham sido divulgadas na Europa pela já referida Teosofia, à qual no presente trabalho iremos ainda referir-nos, mais como fonte de referências bibliográficas que permitiu a Pessoa introduzir (e a nós compreender a proveniência de) certas referências nos seus escritos, mais do que enquanto escola de pensamento em si, no que é várias vezes desvalorizada pelo autor.

⁷ *Os Ideaes da Theosophia*, de Annie Besant (1915); *A Voz do Silencio*, de Helena Blavastky (1916); *Luz sobre o Caminho e o Karma*, de Mabel Collins (1916); *Compêndio de Theosophia*, *A Clarividência* e *Auxiliares Invisíveis*, de C. W. Leadbeater (1916).

⁸ Entre os quais: *Budhismo Esoterico*, de Alfred Percy Sinnett (1916), *Introdução ao Yoga* de Annie Besant (1922) e *Râja Yoga* de Swâmi Vivekânanda (1925).

⁹ Lourenço está aqui a glosar uma expressão utilizada por Pessoa (1912: 192) no ensaio “A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico”, publicado na revista *A Águia*: “E a nossa grande raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço”.

Antes disso, diríamos ainda que, no que diz respeito às religiões e práticas indianas e hindus, parece-nos haver na obra de Pessoa referências, ecos ou proximidades, tanto em prosa como em poemas, de aspetos dos diversos tipos e fases da *Yoga* ('União'), nomeadamente a respiração, a concentração e a meditação. Embora as referências mais filosóficas e ensaísticas às espiritualidades da Índia estejam relacionadas com o que Pessoa lera (em parte através da Teosofia como veremos mais adiante), é possível especular sobre alguma poesia de Pessoa enquanto forma de escrita que expressa estados da alma comparáveis com alguns atingíveis pelas experiências de meditação de Yoga. Por exemplo, nestes versos datados de 29 de Março de 1929:

Fecho os olhos, oiço o mar
e de ouvil-o bem, supponho
que vejo azul a esverdear.

(120-6^r; PESSOA, 2001: 147)

Ou ainda num poema escrito a 31 de Agosto de 1930, que termina assim:

Medita sem ter pensamento!
Ignora e spera!

(120-52^r; PESSOA, 2001: 214)

A própria divisão, proposta por Pessoa, da via iniciática pelos seus três caminhos ou modos – “magical, mystical and gnostic” (52A-52^r; cf. CENTENO, 1985: 60) – pode ser abordada numa ótica comparativa (também recebida, ou intuída, pelo autor?) com os tradicionais três *margas* hindus: *karma*, *bhakti* e *jnana*. Numa abrangente perspetiva de comparação entre doutrinas orientais e ocidentais, reeditamos e publicamos aqui, com algumas variantes de transcrição, um escrito do autor, que foi publicado pela primeira vez em *Rosea Cruz* (53-59 a 61; PESSOA, 1989: 63-64)¹⁰. Este documento poderá futuramente ser considerado para um estudo comparado sobre tríades orientais e ocidentais no pensamento pessoano. Trata-se de um manuscrito não datado, possivelmente escrito a partir de 1930. O texto tem a particularidade de empregar algumas tríades menos comuns no pensamento tão triádico de Fernando Pessoa – neste caso três processos de “libertação ou ascensão” inerentes a Hinduísmo, Cristianismo e Rosacruz – face aos muito glosados três inimigos da alma: mundo, carne e diabo.

Ao caracterizar os três processos de “libertação ou ascensão”, Pessoa ordena: a) o Hindu, sendo este o processo da “união ao Todo”, mas que devido ao vincado “ascetismo” que o conota, pode conduzir o indivíduo a um desvio ou a numa forma de ódio à personalidade; b) o Cristão, que seria o da “libertação do Todo”, mas cujo “mysticismo” se pode tornar num ódio ou diminuição da inteligência; e

¹⁰ Veja-se o documento n.º 1 aqui publicado.

finalmente c) o Rosa Cruz, o do “domínio do Todo”, que contudo se pode tornar – no seu excessivo “voluntarismo” – num ódio ou confronto com a Lei ou Ordem Divina que subjaz à própria Libertação. O verdadeiro “Mestre” será aquele que “consegue reunir em si as trez aspirações” e que desta maneira “se diviniza pois se annulla” através desta re-união.

Chegando à Índia pela Teosofia

Numa outra perspectiva sobre o Conhecimento (ou Ciência ou Gnose) do Caminho ascensional, encontramos outro texto, significativo no que respeita à leitura espiritual que ele oferece. Trata-se de um manuscrito em parte inédito (15³-91¹; MOTA, 2008: 260), que aqui publicamos na íntegra¹¹. Sugeriremos elementos para um seu estudo hermenêutico, bem como das suas fontes bibliográficas.

No que diz respeito à frase de Sri Krishna que aparece no texto – “torna-te tu próprio o caminho” – não é fácil descortinar qual terá sido a fonte desta citação. Com efeito, tal como nos é apresentada não se encontra literalmente na *Bhagavad Gita* (o principal texto da tradição espiritual indiana que regista as palavras do próprio Krishna), embora este tipo de injunção seja subjacente a toda essa obra-prima da espiritualidade hindu, podendo por isso considerar-se tal frase uma bela síntese do ensinamento desta tradição, alcançada pelo próprio Pessoa. Talvez dos versículos mais próximos possamos escolher, no muito significativo capítulo VI, o versículo 5: “Uma pessoa deve elevar-se a si mesma pela sua mente e não se degradar.” (VYASSA, 2007). Mais do que supormos que Pessoa tenha lido este versículo na própria *Bhagavad Gita*, julgamos que a citação de Krishna teve origem na leitura de uma obra teosófica, dado que no manuscrito em análise se encontram reflexões de teor ocultista que põem em causa a doutrina teosófica da existência ou não-existência dos vários planos ou níveis vibratórios ou conscienciais do Universo, e logo a pretensa libertação da ilusão alcançada na “Consciência Pura” pelos adeptos. De facto, encontramos no livro *A Voz do Silêncio*, de Helena Blatavsky, traduzido pelo próprio Pessoa, esta afirmação: “Não podes caminhar no Caminho enquanto não te tornares tu próprio, esse Caminho”. Na mesma página, lê-se numa nota de rodapé algo muito parecido à tal injunção:

Este Caminho é mencionado em todas as obras místicas. Como diz Krishna no *Jñāneshavari*: «Quando se contempla este caminho... quer sigamos para o Oriente em flor, quer para as câmaras do Ocidente, *sem movimento*, ó portador do arco, *é a viagem nesta estrada*. Neste caminho, qualquer que seja o lugar para onde queiramos ir, *êsse lugar nos tornamos*». «Tu és o caminho» diz-se ao Adepto Guru, e diz este ao discípulo, depois da Iniciação. «Eu sou a estrada e o Caminho», diz um outro Mestre.

(BLATAVSKY, 1916: 25)

¹¹ Veja-se o documento n.º 2 aqui publicado.

Ressalvemos entretanto aquele que nos parece um importante erro terminológico-conceitual deste Pessoa-tradutor, como relatámos pela primeira vez na antologia pessoana *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*, (PESSOA, 1888: 164). Essa falha consiste em ter traduzido no quarto parágrafo inicial da obra, a afirmação original “The mind is the great slayer of the Real” (BLAVATSKY, 1913; CFP 1-172 MN: 14), por “O espírito é o grande assassino do Real” (BLAVATSKY, 1916: 14), quando a tradução mais correta é, a nosso ver: “A mente é o grande assassino do Real” (Figs. 7 e 8). Note-se, a este respeito, que em meados da década de 1910, Pessoa utilizava frequentemente a palavra espírito como sinónimo de mentalidade (cf. BOSCAGLIA, 2015: 38).

Voltando agora ao manuscrito de Pessoa que estamos a apresentar, e se continuarmos na pesquisa de eventuais referências n’*A Voz do Silencio*, encontramos outras duas passagens que têm a ver expressamente com os temas abordados por Pessoa ao longo do seu texto, ou seja, a unificação e a “ascensão”: “Funde num só sentido todos os teus sentidos, se queres tornar-te seguro contra o inimigo”; e “Longa e fatigante é a senda ante ti, ó discípulo. Um único pensamento a respeito do passado que abandonaste puxar-te há para baixo e terás novamente que começar a ascensão.” (BLAVATSKY, 1916: 28). Já a partir destas breves citações e considerações, parece-nos provável que *A Voz do Silencio* tenha sido a fonte principal (ou uma das principais) na elaboração deste escrito de Pessoa.

Perguntamos agora: o que terá Fernando Pessoa querido realçar com a sua referida glosa ao dito “torna-te tu próprio o caminho”, e interpretando-a desta forma: “concentra a tua actividade na carreira ascensional dentro de ti próprio, torna-te todo a ‘direcção pura’ de subires dentro de ti”?

A expressão “carreira ascensional” é invulgar e, na perspetiva de uma antropologia iniciática, psíquica ou espiritual da Yoga, pode referir-se ao progresso na escala vibratória ou ao posicionamento e movimento interior ao longo da coluna vertebral como eixo energético e consciencial.¹² A expressão “torna-te todo a ‘direcção pura’ de subires dentro de ti”, com a particularidade da “direcção pura” aparecer entre aspas – o que tanto pode indicar que foi colhida de algum texto, como realçar uma ideia de *orientação plena* da consciência –, indica a nosso ver a unificação das forças anímicas, isto é, o encontro da alma consigo mesma e a ascensão ou elevação univocal em si mesma, algo que por alguns modos Fernando Pessoa sentiu como muito importante e assinalou em textos ao longo da sua vida, tal como vimos no outro texto transcrito e anteriormente referido (53-59^r), designando tal por “libertação ou ascensão”.

Ainda que provavelmente não a tenha conseguido tanto como desejaria, esta “libertação ou ascensão” parece-nos o objecto-objectivo da demanda espiritual de Pessoa, visível em muita da sua obra, e até na sua “produção doentia”

¹² Sobre estes conceitos no Yoga, veja-se: Jadunath Sinha, *The Cult of Divine Power* (1977).

(conforme a carta a Armando Côrtes-Rodrigues, de 1914)¹³ do *Livro do Desassossego*. Num trecho do *Livro*, o escritor e pensador português assinala uma consciencialização monádica iniciática e univocal: “Não saber de si é viver. Saber mal de si é pensar. Saber de si, de repente, como neste momento lustral, é ter subitamente a noção da monada íntima, da palavra mágica da alma. Mas essa luz subita cresta tudo, consume tudo. Deixa-nos nus até de nós.” (BNP/E3; 2-74v; PESSOA, 2013b: 290-291). Esta passagem, escrita em 1930, é apenas uma entre as muitas citações da obra de Pessoa que podem ser abordadas através de uma hermenêutica espiritual da “libertação ou ascensão” (representadas pela imagens de luz, de nudez, de despreendimento) através da qual o ser humano sai da sua ignorância ou separatividade e “se diviniza pois se annulla”, conforme lemos há pouco, no primeiro dos textos aqui publicados.

Para finalizar, consideramos então que uma investigação extensa sobre a espiritualidade em Pessoa terá, a nosso ver, de ter em oportuna consideração as referências orientais presente nas leituras e na obra do autor, dada a específica associação entre o Oriente e a espiritualidade, em várias passagens dessa mesma escrita. À luz do que foi aqui publicado e apresentado, acrescentamos ainda que, apesar de Pessoa ter recebido as doutrinas espirituais da Índia através de fontes secundárias e de outras, ocultistas e teosóficas, que ele próprio veio a criticar (a Teosofia até como sistema “*illusorio*”), o poeta e pensador procurou ao longo da vida uma compreensão de diversas tradições iniciáticas e orientais, tentando integrar ou comparar as mensagens delas na sua reflexão, percurso e visão espiritual que, ao longo dos anos, se alinham cada vez mais com formas, doutrinas e práticas normalmente associadas ao chamado esoterismo ocidental.

¹³ Carta de 2 de Setembro de 1914 (CÔRTEZ-RODRIGUES, 1945: 34).

1 [53-59 a 61]

[post 1930]

Atrio

I

1. Vida do homem - animal, humana (pagã), divina.
2. Os trez obstaculos ou tentações – mundo, carne, diabo. O seu sentido.
3. Os trez processos de libertação ou ascensão: (a) a união ao Todo (processo hindu), (b) a libertação do Todo (processo Christão), (c) o¹ dominio do Todo (processo dos R + C).
4. Os desvios dos processos: (a) o ascetismo, (b) o mysticismo, (c) o voluntarismo. (v[erbi] g[ratia] o odio á personalidade; o² odio á intelligencia, o odio á lei).
5. A sciencia como unico caminho.³

II

1. A victoria sobre o Mundo:

A	{	(a) A renuncia ao mundo (b) A vida indiferente ao mundo (c) A imposição –		B. perigos de cada processo C. □
---	---	---	--	---

2. A victoria sobre a Carne

—————→ (a) a castidade
 sublimação —^A→ (b) o afastamento
 aproveitamento → (c) a conquista.⁴

[60^r] 3. A victoria sobre o Diabo:

- (a) abolição da personalidade
- (b) elevação⁵ da personalidade
- (c) □

Quando, seguindo o seu caminho próprio, e só esse, o Candidato⁶ houver chegado ao fim, terá [o] que o sempre teve.

Ao que tem será dado...

Bate e abrir-te-hão.¹⁴

[61^r] O aproveitamento quer dizer o uso das qualidades do individuo para fins superiores. Não se pode exigir a quem não é sensual que use a sensualidade que

¹⁴ Cf. Mt, 7: 7.

não tem.

O mais completo é aquelle que consegue reunir em si as trez aspirações, e realizar a ascensão por todos os caminhos ao mesmo tempo, embora por uma só via. O que abstendo-se, sublimando-se e aproveitando-se, se diviniza pois se annulla⁷, se excede e se transforma. É esse verdadeiramente o Mestre, o que, livre do mal e do bem, conhece a lei e □

1 [53-59 a 61]

O texto ocupa três versos de três metades inferiores de cópias da folha volante intitulada Sobre um manifesto de estudantes publicada por Pessoa em 1923 (cf. BARRETO, 2012). Encontra-se manuscrito a tinta preta. A página inicial, 53-59^r, foi reproduzida fotograficamente por Yvette Centeno, em Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética (1985: página não numerada). Texto publicado em Rosea Cruz (1989: 63-64).

NOTAS

1 <a>/o\

2 <t> o odio

3 *Na margem direita figuram duas anotações isoladas graficamente do resto do documento: a primeira, yes, but this is <more> <tt>, é um trecho de escrita automática, a segunda, O caminho é, [↑ Qualquer caminho é caminho] *teus *nomes., um apontamento avulso*

4 conquista | B e C, ut supra <t> [↑ Qualquer] processo quando não empregado no 3º (c) – o caso é o “aproveitamento”?

5 elevação [↓ sublimação]

6 <t>/Candidato\

7 pois [↑se annulla,]

53-59

Atas I

1. Vida do homem - animal, humana (paga), divina.
2. Os tres obstáculos ou tentações - mundo, carne, diabo. O eu antedto.
3. Os tres processos de libertação ou ascensão: (a) a união ao Todo (pensamento humano), (b) a libertação a TUA (pensamento cristão), (c) o domínio do Todo (pensamento do Bde).
4. Os três modos de processo: (a) o asceticismo, (b) o misticismo, (c) o voluntarismo. (vs. o ddo a personalidade; ~~o ddo~~ o ddo a inteligência o ddo a lei).
5. A ciência como unico caminho.

II

1. A vitória sobre o mundo:

A	(a) A renúncia ao mundo (b) a vida indiferente ao mundo (c) a impiedade	}	B.
			(a) a união ao Todo (b) a libertação a TUA (c) o domínio do Todo
2. A vitória sobre a carne

(a) a castidade (b) a abstinência (c) a corporeidade	}	B. C. ut supra (a) a união ao Todo (b) a libertação a TUA (c) o domínio do Todo
--	---	--

Análise do caminho: caminho
 O col. 5. 1.º ano
 1910

INSTITUTO VAREZIANO

Fig. 3. BNP/E3, 53-59

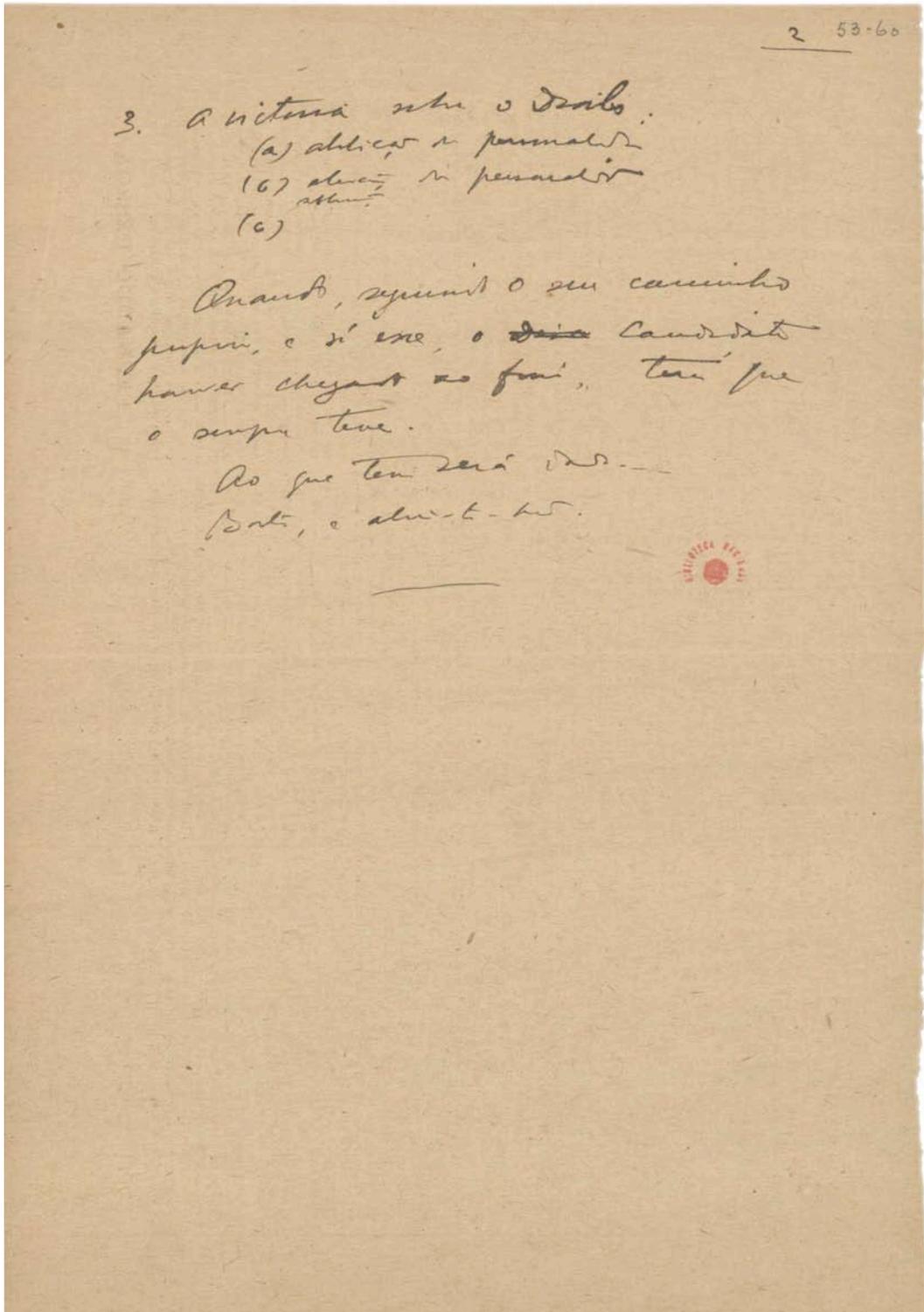


Fig. 4. BNP/E3, 53-60*

3. 53-61

O aperfeiçoamento para deus o
 uso da realidade. A individualidade para
 foi superior. Mas se pode ser
 se o homem não o normal que
 ou a normalidade que não
 tem.

O mais completo é aquelle
 que consegue reunir em si
 as tres aspirações, e seguir
 a ascensão por todos os ca-
 minhos ao mesmo tempo,
 entrar por uma só via.

O que, absteve-se, sublimando-se
 e aperfeiçoando-se, e se ~~diviniza~~
^{annulla} pôde se exceder e se transforma.
 É que verdadeiramente o
 Mestre, o que, vive o mal
 e o bem, conhece a lei e

Fig. 5. BNP/E3, 53-61*

2 [15³-91^r]

[c. 1916]

Á passagem da actividade¹ inferior, para a superior, do espirito dão os hindus² o nome velador de *O Caminho*, ou *A Senda*. Não tem outro sentido este termo, tão vulgarmente empregado na litteratura buddhistica e theosophica. Assim se explica a expressão atribuida a³ Krishna – torna-te tu proprio o caminho –, isto é, concentra a tua actividade na carreira ascensional dentro de ti-proprio, torna-te todo a “direcção pura” de subires dentro de ti.

–

A vibração ou acção intensa⁴ de qualquer nivel de intelligencia, ou do sentimento⁵ ou da vontade, põe em acção os niveis correspondentes nas outras faculdades. – Assim a cultura da inibição implica uma correspondente cultura da recepção e do pensamento.

–

A unica realidade indiscutivel nos ensinamentos theosophicos é a da existencia dos mundos physico, astral e mental. Para além d’isto, tudo é, não só apenas especulativo, mas (o que é mais grave) *de todo illusorio*.

–

Na Consciencia Pura (ainda ligada á materia, de certo modo)⁶ a illusão attinge o maximo, porque a individualidade se liberta da condicionação exterior. Nada eguala e ninguem no mundo imagina o poder de illudir-se⁷ de um adepto.

2 [15³-91^r]

Texto manuscrito a tinta vermelha no verso de uma folha timbrada da firma A. Xavier Pinto & C.^a; o suporte tem vincos a meio na vertical e na horizontal. O texto foi parcialmente publicado na verbete “Espírito” (MOTA, 2008: 260), do Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português.

NOTAS

1 <individualidade> actividade

2 /hindus/

3 expressão de [↑ atribuida a]

4 A vibração [↑ ou acção intensa]

5 [↑ ou] do sentimento

6 [↑ ainda ligada à materia, de certo modo ? – ?] acrescentamos parênteses, atendendo ao facto deste segmento estar isolado por traços

7 illusão [↑ illudir-se]

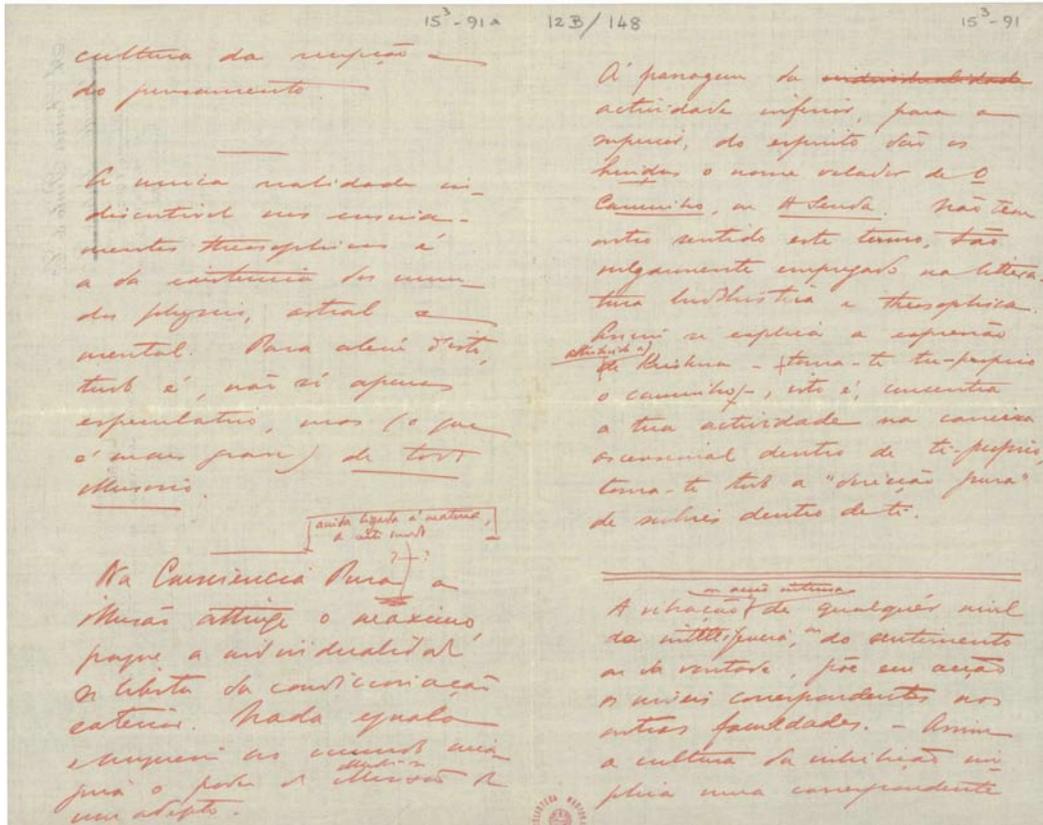
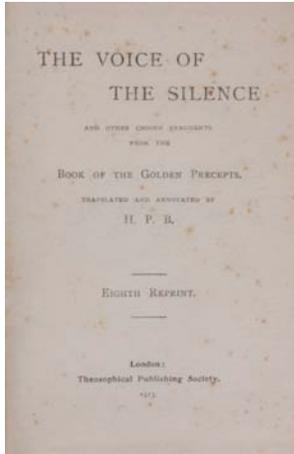


Fig. 6. BNP/E3, 153-91



14 THE VOICE OF THE SILENCE.

prehend it, he has to learn the nature of Dhâranâ.¹

Having become indifferent to objects of perception, the pupil must seek out the Râjâ of the senses, the thought-producer, he who awakes illusion.

The mind is the great slayer of the Real.

Let the disciple slay the slayer.

For when to himself his form appears unreal, as do on waking all the forms he sees in dreams; when he has ceased to hear the many, he may discern the One—the inner sound which kills the outer.

Then only, not till then, shall he forsake the region of Asat, the false, to come unto the realm of Sat, the true.

Before the Soul can see, the harmony within must be attained, and fleshly eyes be rendered blind to all illusion.

¹ Dhâranâ is the intense and perfect concentration of the mind upon some one interior object, accompanied by complete abstraction from everything pertaining to the external universe, or the world of the senses.

Fig. 7. H[elena] P[etrovna] B[lavatsky], *The Voice of the Silence* (1913), p. 14

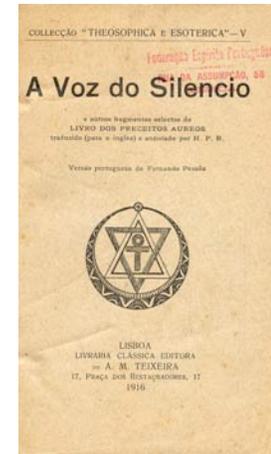
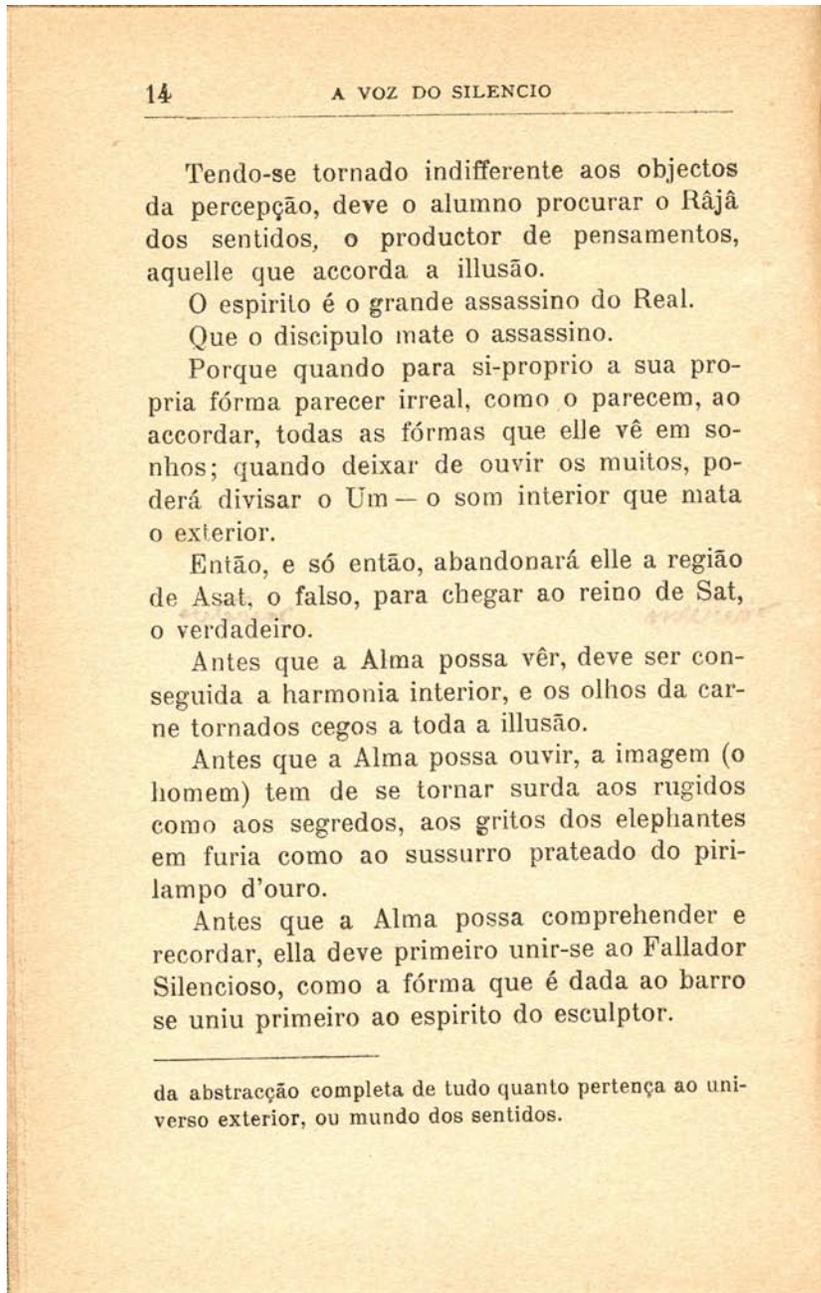


Fig. 8. H[elena] P[etrovna] B[lavatsky], *A Voz do Silencio* (1916), p. 14

Bibliografia

- BARRETO, José (2012). “Fernando Pessoa e Raul Leal contra a campanha moralizadora dos estudantes em 1923”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa's Studies*, n.º 2, pp. 240-270.
- B[LAVATSKY], H[elena] P[etrovna] (1916) [trad.]. *A Voz do Silêncio: e outros fragmentos selectos do Livro Dos Preceitos Aureos*. Traduzido para o inglês e anotado por H[elena] P[etrovna] B[lavatsky]. Versão Portuguesa de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Classica
- ____ (1913). *The Voice of the Silence and other chosen fragments from the Book of the Golden Precepts*. Translated and annotated by H[elena] P[etrovna] B[lavatsky]. London: Theosophical Publishing Society. Eighth reprint.
- BOSCAGLIA, Fabrizio (2016). “Fernando Pessoa and Islam: an introductory overview with a critical edition of twelve documents”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º9, pp. 38-109.
- ____ (2015). “A presença árabe-islâmica em Fernando Pessoa”. Tese de Doutoramento em Filosofia. Universidade de Lisboa.
- BRAGA, Duarte Drumond (2016). “Um roteiro pessoano sobre a Índia”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 11-37.
- ____ (2014). “Ao oriente do Oriente: transformações do orientalismo em poesia portuguesa do século XX. Camilo Pessanha, Alberto Osório de Castro e Álvaro de Campos”. Tese de Doutoramento em Estudos Comparatistas. Universidade de Lisboa.
- CARDIELLO, Antonio (2016). “Os Orientes de Fernando Pessoa: adenda”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, pp. 131-150.
- CENTENO, Yvette (1985). *Fernando Pessoa e a Filosofia Hermética: fragmentos do espólio*. Lisboa: Presença.
- CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando (1945). *Cartas de Fernando Pessoa a Côrtes-Rodrigues*. Lisboa: Confluência.
- GOODRICK-CLARKE, Clare; GOODRICK-CLARKE, Nicholas (2005). *G. R. S. Mead and the Gnostic Quest*. Berkeley: North Atlantic.
- LOPO, Rui (2013). “Presenças do Budismo na Obra em Prosa de Fernando Pessoa”, in *Nietzsche, Pessoa e Freud: Colóquio Internacional*. Organização de Paulo Borges, Nuno Ribeiro e Cláudia Souza. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, pp. 157-172.
- LOURENÇO, Eduardo (2002). *Poesia e Metafísica: Camões, Antero, Pessoa*. Lisboa: Gradiva.
- MOTA, Pedro Teixeira da (2008). “Espírito”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Organização de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Caminho, pp. 259-261.
- OWEN, Alex (2004). *The Place of Enchantment: British Occultism and the Culture of the Modern*. Chicago: University of Chicago Press.
- PASI, Marco (2012). “September 1930, Lisbon: Aleister Crowley's lost diary of his Portuguese trip”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa's Studies*, n.º 1, pp. 253-283.
- PASI, Marco, FERRARI, Patricio (2012). “Fernando Pessoa and Aleister Crowley: New discoveries and a new analysis of the documents in the Gerald Yorke Collection”, in *Pessoa Plural — A Journal of Fernando Pessoa's Studies*, n.º 1, pp. 284-313.
- PESSOA, Fernando (2013a). *Eu sou uma antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Lisboa: Tinta-da-China.
- ____ (2013b). *Livro do Desassossego*. Edição de Jerónimo Pizarro: Tinta-da-China.
- ____ (2012). *Ibéria: Introdução a um Imperialismo Futuro*. Edição de Jerónimo Pizarro e Pablo Javier Pérez López. Posfácios de Humberto Brito e Antonio Sáez Delgado. Lisboa: Ática [Babel].
- ____ (2011). *Sebastianismo e Quinto Império*. Edição, introdução e notas de Jorge Uribe e Pedro Sepúlveda. Lisboa: Ática [Babel].
- ____ (2009). *Sensacionismo e outros ismos*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

- ____ (2008). *Rubaiyat*. Edição de Maria Aliete Galhoz. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (2001). *Poemas de Fernando Pessoa 1921-1930*. Edição de Ivo Castro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1997). *Poemas Ingleses: Poemas de Alexander Search*. Edição de João Dionísio. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ____ (1989). *Rosea Cruz*. Textos estabelecidos e comentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lancastre.
- ____ (1888). *Moral, Regras de Vida e Condições de Iniciação*. Textos estabelecidos e comentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lancastre.
- ____ (1966). *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho. Lisboa: Ática.
- ____ (1912) "A Nova Poesia Portuguesa no seu aspecto Psychologico", in *A Águia*, n.º 12, pp. 189-192.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patricio; CARDIELLO, Antonio (2011). "Os Orientes de Fernando Pessoa", in *Cultura Entre Culturas*, n.º 3, pp. 148-185.
- SINHA, Jadunath (1977). *The Cult of Divine Power: Shakti-Sadhana (Kundalini Yoga)*. Fifth edition. Calcutta: Jadunath Sinha Foundation.
- VYASSA (2007). *Poema do Senhor: Bhagavad-Guitá*. Transcrição, introdução, notas e glossário de António Barahona. 2ª edição revista. Lisboa: Assírio & Alvim.

Livros pertencentes à Biblioteca particular de Fernando Pessoa (CFP)

- B[LAVATSKY], H[elena] P[etrovna] [trad.] (1913). *The Voice of Silence: being chosen fragments from the Book of the Golden Precepts*. Translated and annotated by H[elena] P[etrovna] B[lavatsky]. Eight reprint. London: Theosophical Publishing Society [1ª ed. 1889] (CFP, 1-172 MN).
- CROWLEY, Aleister [1929]. *The confessions of Aleister Crowley: the spirit of solitude an autohagiography subsequently re-antichristened*. London: The Manchave Press (CFP, 8-131).
- EMERSON, Ralph Waldo (1902). *Works of Ralph Waldo Emerson. Essays, first and second series; Representative men; Society and solitude; English traits; The conduct of life; Letters and social aims; Poems; Miscellanies; Embracing nature; Addresses, and lectures*. London: George Routledge & Sons, Limited (CFP, 8-172).
- HARTMANN, Franz (1904). *Magic White and Black, or the science of finite and infinite life containing practical hints for students of occultism*. London: Kegan Paul, Trench, Trübner & Co. (CFP, 1-67).
- HENRY, Victor (1904). *Les Littératures de l'Inde: sanscrit, pâli, prâcrit*. Paris: Librairie Hachette & Cie (CFP, 8-250).
- KALIDASA [1912]. *Translations of Shakuntala and other Works*. By Arthur W. Ryder. London: J. M. Dent & Sons; New York: E. P. Dutton & Co. (CFP, 8-293).
- KHAYYÁM, Omar (1910). *Rubáiyát of Omar Khayyám: The astronomer poet of Persia rendered into English verse by Edward Fitzgerald*. Leipzig: Bernhard Tauchnitz [reimpr. post Março de 1928] (CFP, 8-296).
- JENNINGS, Hargrave (1903). *The rosicrucians: Their rites and mysteries*. Fourth edition, revised. London: George Routledge and Sons / New York, E. P. Dutton and Co [1907] (CFP, 0-12).
- JOHNSTON, Harry (1903). *The Nile quest: a record of the exploration of the Nile and its basin*. With illustrations from drawings and photographs by the author and others, With maps by J. G. Bartholomew. London: Lawrence and Bullen (CFP, 9-38).
- LEO, Alan (1915). *Mars: the War Lord*. London: "Modern Astrology" Office (1-96).
- ____ (1913). *The Progressed Horoscope*. 2nd edition, revised. London: Modern Astrology Office (1-97).

- ____ (1912) *How to Judge a Nativity* (formerly issued as *How to judge a Nativity, Part I.*). 3rd ed, revised. London: Modern Astrology Office (1-94).
- ____ (1912). *Casting the Horoscope* (formerly issued as “*Astrology for all, part II,*” of which work the present volume constitutes the Third Revised Edition). 3rd ed. London: “Modern Astrology” Office (1-92).
- ____ (1912). *The Art of Synthesis* (formerly issued as *How to Judge a Nativity, Part II.*). 3rd ed. rev. London: “Modern Astrology” Office, Imperial Buildings, Ludgate Circus, E. C. (1-90).
- ____ (1910). *Astrology for All: individual and personal characteristics as represented by the Sun and Moon* (formerly issued as *Astrology for All, Part I.*). London: “Modern Astrology” Office (1-91).
- ____ (1910). *The Key to Your Own Nativity: analytical readings of every position in a nativity based on scientific principles.* London: Modern Astrology Office (1-95).
- ____ (1909). *Horary Astrology.* 2nd ed. London: Modern Astrology Office (1-93).
- MEAD, G[eorge] R[obert] S[towe] (1913). *Quest old and new.* London: G. Bell and Sons (CFP, 1-105).
- NERVAL, Gérard de [pseudónimo de Gérard Labrunie] [1908]. *Choix de poésies; Odelettes; Les Chimères; Le Christ aux oliviers; Poésies diverses; Faust; Elégies nationales et satires politiques; Monsieur deustcourt; L’Académie ou les membres introuvables; Lettres.* Choix, notice biographique et bibliographique par Alphonse Séché. Paris: Louis-Michaud, éditeur (CFP, 8-385).
- TAGORE, Rabindranath (1925). *Rabindranath Tagore.* London: Ernest Benn (CFP, 8-537)
- ____ (1922). *Gitanjali Song-offerings and Fruit-gathering.* Introduction by W. B. Yeats. Leipzig: Bernhard Tauchnitz (CFP, 8-536).
- WHITMAN, Walt (1909). *Leaves of Grass.* London & New York, Toronto & Melbourne: Cassell & Company (CFP, 8-580).
- ____ [1895]. *Poems by Walt Whitman.* Edited by William Thomas Stead. London: “Review of Reviews” Office (CFP, 8-664 MN).